

Fernandes, Luan Aiuá Vasconcelos

A Universidade se esvazia: O exílio de professores e dirigentes da Universidad Técnica del Estado [UTE] durante a ditadura de Pinochet

II Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX

5, 6 y 7 de noviembre de 2014

CITA SUGERIDA:

Fernandes, Luan Aiuá Vasconcelos. (2014) A Universidade se esvazia: O exílio de professores e dirigentes da Universidad Técnica del Estado [UTE] durante a ditadura de Pinochet [en línea]. II Jornadas de Trabajo sobre Exilios Políticos del Cono Sur en el siglo XX, 5, 6 y 7 de noviembre de 2014, Montevideo, Uruguay. En Memoria Académica. Disponible en: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/e.3988/e.3988.pdf

Documento disponible para su consulta y descarga en **Memoria Académica**, repositorio institucional de la **Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE)** de la **Universidad Nacional de La Plata**. Gestionado por **Bibhuma**, biblioteca de la FaHCE.

Para más información consulte los sitios:

<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar> <http://www.bibhuma.fahce.unlp.edu.ar>



Esta obra está bajo licencia 2.5 de Creative Commons Argentina.
Atribución-No comercial-Sin obras derivadas 2.5



A Universidade se esvazia: o exílio de professores e dirigentes da Universidad Técnica del Estado (UTE) durante a ditadura de Pinochet

Luan Aiuá Vasconcelos Fernandes

Universidade Federal de Minas Gerais

aiuavasconcelos@gmail.com

AUTORIZA LA PUBLICACIÓN

Introdução

O governo da *Unidad Popular* (UP) chegou ao poder através da via democrática, mas com um plano de governo que propunha amplas reformas que visavam uma revolução geral, mudando as estruturas da sociedade burguesa capitalista e instaurando um novo tipo de socialismo. A novidade era fazer isso sem confrontos violentos, pelos meios institucionais. Independente do caminho revolucionário divulgado por Allende, a UP assustava os setores mais conservadores da sociedade chilena e internacional, principalmente os Estados Unidos, que não queriam outra Cuba na América Latina, considerada sua área de influência.¹ Essa oposição era estimulada ainda mais com a atuação de grupos mais radicais dentro da própria UP, que desacreditavam na via democrática liderada por Allende e que estimulavam a população a reivindicar que o processo de mudanças estruturais, como a reforma agrária e a estatização das empresas, se aprofundasse mais rapidamente. “Nas manifestações de rua, gritavam ‘Luchar, crear, poder popular’, como se a UP pudesse fazê-lo, sem que as forças militares e policiais do Estado tivessem desintegradas [...]”².

Variados fatores levaram ao Golpe de 1973 no Chile. A erosão de um centro político forte, que não conseguiu manter sua unidade e ser o fiel da balança, a tentativa de instalar um governo socialista a partir de uma coalizão minoritária, que não tinha o apoio da maioria da população em uma sociedade extremamente polarizada, as

¹ O autor brasileiro Luiz Moniz Bandeira faz uma ampla investigação sobre o real papel dos EUA na promoção do Golpe de Estado que derrubou o presidente Allende em 1973. Cf. BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Fórmula para o caos: ascensão e queda de Salvador Allende (1970-1973)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

² *Ibidem*, p. 267.

divergências dentro da própria esquerda que discordavam de qual caminho seguir para fazer a revolução, a crise econômica que já atingia o Chile desde os governos anteriores e o envolvimento de atores não necessariamente políticos, como as Forças Armadas e a Igreja, nos assuntos do governo são alguns dos principais fatores que ajudam a explicar a conjuntura do golpe.³

Somando-se a esses fatores, há ações mais diretas e conscientes, tomadas por alguns grupos oposicionistas, que foram decisivas para a real efetivação do Golpe de Estado. A atuação da CIA e do governo estadunidense, juntamente com grandes empresas também dos EUA, foi o fator externo mais relevante, visto que houve uma enorme quantidade de dinheiro investida para financiar grupos de extrema direita, jornais oposicionistas e os militares contrários a UP.⁴ No entanto, os fatores internos são ainda mais preponderantes. Allende enfrentava uma oposição no Congresso a partir do Partido Nacional, que buscava convencer a Democracia Cristã a opor-se totalmente ao governo. Enquanto trabalhava na via constitucional, o Partido Nacional também apoiava o grupo extremista de direita *Patria y Libertad*, que desenvolvia atentados terroristas contra órgãos públicos e agremiações de esquerda. Os políticos desse partido eram donos dos maiores grupos midiáticos do Chile, como o jornal *El Mercurio*, e através deles buscavam criar uma atmosfera de caos e desespero no país, sempre atacando o governo e suas ações. Mais incisivamente, o *paro patronal* de outubro de 1972, conduzido pelas organizações patronais, tendo à frente a Confederação da Produção e Comércio e a Frente Nacional da Atividade Privada, visou desestabilizar totalmente a economia e parar o país. Isso só não ocorreu devido à rápida resposta de vários setores da esquerda que se organizaram nos *Cordones Industriales* e conseguiram fazer com

³ O cientista político Arturo Valenzuela em seu relevante trabalho publicado já em 1976 tenta explicar como ocorreu o fim do regime democrático no Chile a partir da estrutura política-institucional chilena e das disputas de poder. O principal motivo para Valenzuela teria sido o enfraquecimento, a polarização e fragmentação do partido de centro, a Democracia Cristã, que mantinha um equilíbrio político no jogo de poder chileno. VALENZUELA, Arturo. *El quiebre de la democracia en Chile*. Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.

⁴ Como já mencionado, Luiz Moniz Bandeira dissecou todo o envolvimento da CIA no golpe de Estado Chileno, inclusive evidenciando a participação de empresas particulares, como a *International Telephone & Telegraph Corporation* (ITT), que controlava as comunicações telefônicas no Chile. A ITT foi uma das empresas que mais investiram dinheiro e outros tipos de recurso no intuito de desestabilizar o Chile e facilitar o Golpe de Estado. Cf. BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Fórmula para o caos: ascensão e queda de Salvador Allende (1970-1973)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 143- 145.

que as JAPs funcionassem prontamente⁵. Porém, além de desestruturar a economia, a paralisação buscava conseguir o apoio de setores médios da sociedade ligados a Democracia Cristã. Em certa medida, o *paro patronal* assustou os setores mais ligados a DC, e esta se aliou ao Partido Nacional para as eleições de 1973, formando a Confederação Democrática.

As eleições de 1973 para o Congresso mostraram a polarização no país. Apesar da vitória da oposição, a UP continuou com um significativo apoio, o que impediu uma deposição do governo pelo congresso. A via institucional foi descartada, tanto pela direita, que pedia a interferência das forças armadas, como por parte da esquerda que radicalizava e avançava sem consentimento do governo nas ocupações de terras e de indústrias⁶. A tentativa golpista de junho de 1973⁷ mostrou que, apesar de parte das forças armadas ainda serem constitucionalistas – inclusive tendo uma significativa presença nos projetos do governo da UP⁸ –, havia setores na alta hierarquia amplamente insatisfeitos. O general Carlos Prats, comandante em chefe do exército e ministro da Defesa em mais um gabinete de emergência do presidente Allende, parecia ser o único que ainda sustentava com vigor a constitucionalidade das Forças Armadas. Sua renúncia em meio a inúmeros ataques às suas ações enquanto militar e membro do governo por parte da esquerda e direita foi o fator que faltava para o desencadeamento final do Golpe, que em certa medida já estava sendo tramado desde antes da posse de Allende⁹. A nomeação de Augusto Pinochet para comandante em chefe das Forças Armadas, um general tido como constitucionalista pela *Unidad Popular*, mas que era visto como uma

⁵ Cf. GAUDICHAUD, Franck. *Construyendo “Poder Popular”: El movimiento sindical, la CUT y las luchas obreras en el período de la Unidad Popular*. In: PINTO, Julio(org.). ***Cuando hicimos historia. La experiencia de la Unidad Popular***. Santiago: LOM Ediciones, 2005

⁶ O avanço sobre médias indústrias e propriedades, que não estavam nos planos da UP, era incentivado pelo *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR) e por parte do Partido Socialista (PS).

⁷ Essa tentativa de golpe ficou conhecida como “Tacnazo”, pois foram as tropas e a artilharia do Regimento de Tacna que saíram às ruas

⁸ Uma significativa parte dos oficiais de baixa patente tinha simpatia pelo governo da UP. A grande maioria dos integrantes do Exército vinha de famílias de baixa renda que estavam tendo melhores oportunidades no governo de Allende. Muitos membros participavam ativamente de programas populares. Cf. VALDIVIA, Verónica. “*Todos juntos seremos la historia: Venceremos*”. *Unidad Popular y Fuerzas Armadas*. In: PINTO, Julio(org.). ***Cuando hicimos historia. La experiencia de la Unidad Popular***. Santiago: LOM Ediciones, 2005.

⁹ Alberto Aggio consegue mostrar um panorama interessante do governo da Unidade Popular e de sua crise a partir de uma visão política e institucional. Cf. AGGIO, Alberto. ***Democracia e socialismo: a experiência chilena***. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

incógnita entre os círculos militares até um pouco antes do golpe, selou o destino do Chile democrático¹⁰. Em 11 de setembro de 1973 o Palácio de La Moneda foi bombardeado e Allende cometeu suicídio em seu interior.

A ditadura que se estabeleceu em 1973 no Chile afetou todos os setores da sociedade chilena. O trabalho aqui apresentado tem como enfoque o exílio causado pela repressão exercida no interior das universidades chilenas, mais especificamente o exílio dos professores e dirigentes da *Universidad Técnica del Estado* (UTE). As universidades foram um dos principais focos do regime militar chileno, que visava eliminar os considerados inimigos do regime, e a UTE foi uma das universidades chilenas mais afetadas pela ditadura de Pinochet.

A Universidad Técnica del Estado

A UTE nasceu a partir da união de várias escolas e institutos técnicos já existentes, sendo o principal deles a Escola de Artes e Ofícios (EAO), que já existia desde a metade do século XIX. Surgiu no decreto presidencial de 1947, sendo totalmente organizada em 1952, quando foi escolhido seu primeiro reitor. Durante toda a década de 50, a UTE expande seus cursos a partir de três pontos principais: o da formação de engenheiros industriais em diversas áreas, como eletricidade e mecânica; formação de técnicos industriais, também em diversas áreas, como Construção Civil, Naval, Química Industrial, entre outros; e pelo Instituto Pedagógico Técnico, que visava a formação de professores para o Estado em áreas como História e Geografia Econômica, Matemática, Espanhol, etc. Também na década de 50, a UTE já possuía parceria com algumas associações de trabalhadores, algo que já vinha das experiências anteriores das escolas técnicas, como a Associação de Mineiros de Copiapó e a

¹⁰ Há muitas análises sobre o comportamento de Pinochet nas Forças Armadas chilenas e sobre sua participação no planejamento do Golpe. Os autores concordam que ele não teve nenhuma relevância nas discussões e reuniões que visavam o Golpe. Porém alguns autores dizem que ele já estava inserido no grupo de golpistas desde o governo do Eduardo Frei, no caso da tentativa golpista comandada pelo General Roberto Viaux em 1969. Já outros defendem que ele ‘embarcou’ de última hora nos planos de derrubada do governo da UP. Para uma visão que defende Pinochet já inserido desde antes nas tentativas golpistas e até como agente duplo da CIA, Cf. BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Fórmula para o caos: ascensão e queda de Salvador Allende (1970-1973)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 294 e 507. Para o segundo caso conferir os capítulos 1 e 2 de: MUÑOZ, Heraldo. **La sombra del dictador: una memoria política de la vida bajo el régimen de Augusto Pinochet**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2009.

Associação de Industrias Metalúrgicas, e que aumentaria ainda mais durante o reitorado de Enrique Kirberg.¹¹

O movimento de Reforma Universitária no Chile tem como marco de início a manifestação desprendida pela FEUT (Federação de Estudantes da *Universidad Técnica*) que se iniciou com uma greve de 48 horas promovida pelos estudantes da Escola de Minas de Copiapó após a morte do seu diretor e da escolha, sem consulta da comunidade acadêmica, de um professor para assumir a direção da escola. A greve se espalhou por outras unidades e se tornou nacional. Apesar de haver durado cerca de dois meses, a partir desse momento as reivindicações por mudanças na estrutura universitária se tornaram uma constante durante toda a década de 60 e buscaram mudanças no sistema de cátedras, melhorias no ensino e na infraestrutura, aumento do número de vagas e um processo mais democratizante na escolha de diretores e reitores.

Se veía que en la UTE el movimiento reformista era imparable. Y entonces sí que se produjo un apoyo considerable del profesorado a las demandas estudiantiles. A decir verdad, las propuestas más serias de reforma estructural y funcional provinieron del estudiantado.¹²

Em 67, o movimento estudantil da UTE conseguiu, com o apoio de funcionários e professores, a criação da Comissão de Reforma, após a tentativa de escolha do novo reitor de maneira não democrática. Com a renúncia deste e a Comissão de Reforma atuando, houve a primeira eleição democrática para reitor em março de 68, com os professores tendo 75% de peso na votação e os estudantes 25%. Kirberg foi nomeado reitor interino por um ano pelo presidente Eduardo Frei e, em 1969, foi reeleito reitor, desta vez também com participação dos funcionários. (Os professores passaram a ter 65% de peso nos votos, os estudantes continuaram com 25% e os funcionários ficaram com 10%).

Kirberg assumiu o reitorado da UTE ao final do governo da Democracia Cristã. A maior parte do seu reitorado se daria durante o governo da UP. Era a primeira vez que

¹¹ O livro escrito pelo ex reitor da UTE detalha todas as reformas empreendidas no reitorado do mesmo. Cf. KIRBERG, Enrique. *Los nuevos profesionales. Educación universitaria de trabajadores. Chile: UTE, 1968-1973*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1981.

¹² SEVES, Luis Cifuentes. *Kirberg. Testigo y actor del Siglo XIX*. Santiago:Editorial USACH, 1993, p. 113.

uma das grandes universidades chilenas possuía um reitor abertamente comunista. A isso se somou o fato de cumprir seu reitorado durante um governo também abertamente de orientação socialista. Durante o reitorado de Kirberg várias novas carreiras foram criadas, houve um amplo incentivo ao aperfeiçoamento dos professores, um convênio foi firmado com a CUT, em 1969, com o objetivo de aumentar o número de trabalhadores e filhos de trabalhadores na UTE, além de outros convênios firmados com cerca de 50 empresas para que os seus operários tivessem a chance de se formarem em carreiras técnicas. As provas de ingresso foram eliminadas e substituídas por outra abordagem que dessem chances aos menos favorecidos. O número de alunos cresceu de 10 mil em 9 cidades em 1968 para 35 mil em 24 cidades em 1973.

En forma definitiva, la UTE montó y puso en marcha 37 institutos tecnológicos en los mismos sitios de trabajo no sólo en Santiago sino que también en numerosos puntos a lo largo del país. Junto con los institutos tecnológicos que funcionaban en las 24 ciudades ya indicadas en el capítulo anterior, se formaba una densa red con el objeto de captar a los obreros, mineros o campesinos que estuviesen en condiciones y deseos de estudiar.¹³

Além do reitor, membro do Partido Comunista, outros importantes nomes da esquerda chilena figuravam nos quadros da Universidade. Carlos Orellano, um dos nomes mais influentes do mundo literário chileno, era diretor da editora da UTE na Pró-reitoria de extensão e comunicação, e trabalhava juntamente com Victor Jara, um dos cantores mais famosos da Nova Canção chilena, também membro do Partido Comunista. Ricardo Núñez, membro do Partido Socialista, era Secretário Geral da UTE. Em sua visita ao Chile em 1971, Fidel Castro fez um dos seus longos discursos na *Universidad Técnica del Estado* e tratou com os estudantes e simpatizantes sobre a Revolução Cubana e como se fazer a Revolução no Chile.¹⁴

Não foi por pouco que a UTE se tornou um dos principais alvos dos militares, tanto no dia do Golpe em 11 de setembro de 1973, como posteriormente. Ela era uma universidade jovem, porém bastante combativa. Tinha vários dirigentes membros da UP, principalmente do Partido Comunista, possuía convenio com a CUT, mostrando sua

¹³ KIRBERG, Enrique. *Los nuevos profesionales: educación universitaria de trabajadores, Chile : U.T.E., 1968-1973. Parte 2*. México: Universidad de Guadalajara, 1981, p. 38.

¹⁴ O discurso se encontra em <http://www.archivochile.com/America_latina/fidelcl/fidelcl0027.pdf > (Acesso em 25/08/2014)

forte conexão com os trabalhadores e tinha sido pioneira na tentativa de democratização da universidade. Os militares viam o movimento estudantil e grande parte das universidades como um dos setores mais subversivos da sociedade chilena e a UTE significava, talvez junto com a *Universidad de Concepción* (onde nasceu o MIR), o extremo desse grupo a ser combatido. Não somente os estudantes, mas cerca de 50% dos professores e funcionários da UTE foram atingidos diretamente pelo Golpe. Os destinos de algumas figuras de maior destaque na vida acadêmica e política são conhecidos, porém pouco se sabe com o que se passou com outros professores e funcionários da UTE. Busca-se assim compreender e analisar a trajetória no exílio de alguns professores e dirigentes que sofreram com o Golpe e a ditadura pinochetista, sejam eles figuras desconhecidas ou destacadas na sociedade chilena. As fontes documentais em parte desses casos são escassas e o uso de entrevistas feitas pelo autor e de relatos e testemunhos já publicados são pilares fundamentais da pesquisa aqui apresentada.

Considerações teóricas e metodológicas: cultura política, memória, intelectuais e exílio.

A repressão contra os professores e outros membros da UTE se deu em diferentes etapas ao longo da ditadura pinochetista. A repressão inicial foi extremamente violenta, prendendo, torturando e assassinando em todos os setores representativos da *Universidad Técnica*¹⁵. Após o brutal expurgo inicial, um segundo momento veio de modo a fazer uma “limpeza” ideológica de professores que eram considerados suspeitos ou tinham sido delatados por qualquer ação tida como suspeita pelos militares.

¹⁵ Vários relatos, testemunhos, entrevistas e documentários dão conta da forte repressão que atingiu a *Universidad Técnica del Estado*. Dois livros já citados aqui são: KIRBERG, Enrique. *Los nuevos profesionales: educación universitaria de trabajadores, Chile : U.T.E., 1968-1973*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1981; SEVES, Luis Cifuentes. *Kirberg. Testigo y actor del Siglo XIX*. Santiago: Editorial USACH, 1993. O documentário “*El derecho de vivir en paz*”, sobre o músico e funcionario da UTE Victor Jara, também trata da invasão e repressão inicial da referida universidade. Pode ser visto em < https://www.youtube.com/watch?v=a64W_N5MgLU > Acesso em: 20 ago. 2014.

Uma parte significativa dos professores atingidos pela repressão pinochetista compartilhavam uma cultura política de esquerda¹⁶. Porém esse fator não foi exclusivo na perseguição contra o corpo docente da UTE. E também não necessariamente todo professor ligado a algum partido de esquerda sofreu uma perseguição mais intensa que professores que não tinham uma ligação direta com o mundo político¹⁷. Isso evidencia que, apesar de o governo buscar punir de alguma maneira os “subversivos” chilenos, a repressão teve um alcance muito mais amplo e algumas pessoas que estariam automaticamente na lista da ditadura não foram atingidas¹⁸.

A memória construída a respeito da repressão é outro ponto sensível a ser analisado no caso da repressão e exílio dos professores e dirigentes da UTE, principalmente quando se utiliza da História Oral como ferramenta. A partir de suas experiências pessoais, muitos dos relatos se encaixam em memórias emblemáticas nacionais, como aponta o historiador Steve Stern¹⁹. Apesar da particularidade da construção de cada memória, os discursos fazem parte de uma memória comum ou uma memória coletiva²⁰ de Rompimento e/ou de Perseguição e Despertar. Apesar disso, mesmo dentro desses discursos é possível perceber que a experiência com o outro é permeada de ambiguidades e ambivalências que surpreendem, não sendo possíveis afirmações categóricas.

¹⁶ Sobre o conceito de cultura política, que não cabe desenvolver nesse trabalho, Cf. BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998; e MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

¹⁷ Como o enfoque nesse trabalho é o exílio, não apresentarei a entrevista com Jaime Medina, realizada em 12 de setembro de 2013 em Santiago e que evidencia essa diferença. Medina não fazia parte de nenhum partido político e nem tinha militância política. Mesmo assim foi exonerado da UTE sem nenhuma justificativa ou ressarcimento.

¹⁸ Diferentemente do caso de Jaime Medina, citado na nota anterior, o caso de Luiz Cruz Salas, que foi militante de vários partidos, incluindo o radical *Movimiento de Izquierda Revolucionária* (MIR), será mostrado no presente trabalho por ter partido para o exílio. Apesar de também ter sido exonerado da UTE, Salas não foi preso como outros membros da UTE que participavam de partidos políticos de esquerda mais moderados. A entrevista foi concedida ao autor em 24 de abril de 2014 em Santiago.

¹⁹ O trabalho do historiador Steve Stern é extremamente relevante para que se conheça a construção dos tipos de memória no Chile de Pinochet. Cf. STERN, Steve. **Recordando el Chile de Pinochet: En vísperas de Londres 1998. Libro Uno de la trilogía La caja de la memoria del Chile de Pinochet**. Santiago: Ediciones UDP, 2009.

²⁰ O sociólogo Maurice Halbwachs possui um dos melhores trabalhos explicativos sobre como a memória depende do meio e das interações sociais que compartilhamos. Cf. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

A utilização do conceito de intelectual para os dirigentes e professores perseguidos pela ditadura que foram para o exílio merece uma discussão mais aprofundada que não é possível de ser feita aqui. A utilização do conceito de intelectuais ainda é bastante discutida. O termo é impreciso e sofre mutações de acordo com o contexto dado e as referências de quem pesquisa o tema. Como o debate aqui busca se inserir em uma discussão de cultura no exílio e intelectuais é necessário justificar em que bases os indivíduos que serão analisados podem se encaixar no conceito de intelectual. O objetivo não é pensar o intelectual a partir da perspectiva de “campo” de Bourdieu, em que “los agentes o sistemas de agentes que forman parte de él pueden describirse como fuerzas que, al surgir, se oponen y se agregan, confiriéndole su estructura específica en un momento dado del tiempo.”²¹ A análise feita nessa pesquisa não vai em busca de compreender o meio, as relações e os jogos de poder e dominação entre os intelectuais exilados. Muito menos analisa a universidade como um lugar de confluência, já que nem todos pertenciam às mesmas esferas de convivência na UTE, dado a heterogeneidade dos indivíduos aqui apresentados. As “*líneas de fuerza que dividen el campo intelectual*”²² não se aplicam e nem fazem sentido no casos aqui analisados, que são vistos mais em sua dimensão individual.

O conceito de intelectual aqui apresentado segue mais a linha de Gramsci e, em alguma medida, de Said. O intelectual é o indivíduo de esquerda, combativo, que muitas vezes sofre a perseguição no seu país e tem que arcar com o exílio. Não é a definição de intelectual universal, como Sartre, que se apresenta, e sim o que possui uma combatividade e a externa para a vida pública, como uma “vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público”.²³ Por serem indivíduos ligados a partidos políticos que, enfatizando ainda mais a concepção gramsciana, fazem parte do governo, eles se encaixam no conceito de intelectuais orgânicos se pensados no contexto do governo da *Unidad Popular*. O fato de pertencerem a uma universidade reforça a definição de

²¹BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Itinerario de un concepto. Buenos Aires: Editorial Montessor, 2002, p. 9

²²*Ibidem*, p. 41.

²³ SAID, Edward. **Representações do intelectual**. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 25.

intelectualidade já somada ao fato de fazerem parte de um partido, como evidencia Gramsci:

o partido político, para todos os grupos, é precisamente o mecanismo que representa na sociedade civil a mesma função desempenhada pelo Estado, de um modo mais vasto e mais sintético, na sociedade política, ou seja, proporciona a fusão entre os intelectuais orgânicos de um dado grupo -- o grupo dominante -- e os intelectuais tradicionais; e esta função é desempenhada pelo partido precisamente em dependência de sua função fundamental, que é a de elaborar os próprios componentes, elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como "econômico", até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política. Aliás, pode-se dizer que, no seu âmbito, o partido político desempenha sua função muito mais completa e organicamente do que, num âmbito mais vasto, o Estado desempenha a sua: um intelectual que passa a fazer parte do partido político de um determinado grupo social confunde-se com os intelectuais orgânicos do próprio grupo.²⁴

Por fim, é relevante perceber que a experiência do exílio possui características gerais importantes. Como apontado por Ana Maria Araújo e Ana Vazquez em seu estudo sobre o exílio latino americano, há três momentos chaves no exílio: o de “trauma”, quando ocorre um confronto com uma nova cultura, podendo desencadear um sentimento de desesperança; um período de “transculturação”, quando se faz necessário que se crie mecanismos de adequação e sobrevivência de modo a se integrar a nova realidade; e um período de “abalo de mitos” quando novas ideias surgem a partir da experiência no exílio e o indivíduo revê suas opiniões sobre seu país e o lugar estrangeiro²⁵. Porém não se pode ignorar o aspecto singular que a experiência do exílio também possui, o que é evidenciado pelos conflitos de memória que a História, enquanto disciplina analítica como métodos definidos, não pode ignorar. “Narrar a história do exílio é problematizá-la, creio, é conseguir entender esta dupla face, ao mesmo tempo, ambígua e complementar. É equilibrar-se entre o objetivo e o subjetivo”.²⁶ O exílio apresenta diferentes facetas, como apontadas por Edward Said, em que o exilado possui “dimensões simultâneas”²⁷. Ao cercar-se pela cultura alheia e

²⁴ GRAMSCI, Anonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p 14.

²⁵ Cf. VASQUEZ, Ana; ARAUJO, Ana Maria. **Exils latino-américains: la Malédiction d’Ulysse**. Paris: CIEMI, L’Harmattan, 1988.

²⁶ ROLLEMBERG, Denise. **Exílio: entre raízes e radares**. Rio de Janeiro: Record, 1999, p.47

²⁷ SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.59

avaliá-la, o exilado passar por momentos que variam da supervalorização a inferiorização em relação à realidade do país de origem.

Dadas essas fundamentações teóricas separei os casos aqui analisados em dois grupos. O primeiro grupo é de dirigentes e professores que foram torturados e presos no imediato pós-golpe e pertenciam a uma cultura política de esquerda. O segundo grupo com professores que sofreram uma perseguição posterior, no sentido de se fazer uma “limpeza” ideológica, mas que não chegaram a ser presos ou torturados, apesar de sofrerem com uma repressão simbólica. O primeiro grupo é composto pelo ex-reitor Enrique Kirberg, Carlos Orellana, ex-diretor da editora da universidade e Augusto Samaniego, ex-professor da UTE. O segundo grupo por Luis Cruz Salas e Carmen Vargas, ex-professores da UTE. Todos exerciam os cargos mencionados na universidade no momento do Golpe em 11 de setembro de 1973, pertenciam a uma cultura política de esquerda e todos partiram para o exílio em algum momento da ditadura. A diferença maior, além do tipo de repressão sofrida, é em relação à definição de intelectual. Como já explicitado anteriormente, a conceituação de intelectual no presente trabalho abarca mais variáveis, porém isso não impede que determinados indivíduos possam ser classificados em diferentes grupos de intelectuais, sendo definidos pelos parâmetros da análise de Bourdieu. Essas diferenças serão apontadas mais a frente. Foram realizadas entrevistas em abril de 2014 com Augusto Samaniego, Carmen Vargas e Luis Cruz Salas. Para a análise do exílio de Enrique Kirberg e Carlos Orellana foram utilizados entrevistas, relatos e livros biográficos e autobiográficos sobre os autores.

O Golpe e a ditadura na UTE: repressão e exílio na comunidade acadêmica

O ex-reitor Enrique Kirberg relata que no dia 11 de setembro de 1973 muitos professores, funcionários e estudantes que estavam na UTE foram impedidos de voltar para casa devido ao toque de recolher imposto pelos militares. Estava marcada para esse dia a inauguração, pelo presidente Allende, da exposição “Por la vida siempre”, organizada pelo diretor de Comunicação e Extensão Mario Navarro, que era um chamado a consciência nacional para que a grave situação político-social pelo qual o país passava não desembocasse em uma guerra civil. No início da manhã do dia 11 a

sala de transmissão da rádio da universidade havia sido invadida e metralhada e sua antena destruída. Na manhã do dia 12 a UTE foi invadida com tiros e lançamento de granadas e seus ocupantes, por volta de setecentas pessoas, foram feitos prisioneiros e levados para o Estádio Chile²⁸. Neste mesmo estádio foi torturado e morto o cantor e compositor de música folclórica Víctor Jarra, que pertencia a Secretaria de Extensão e Comunicações da UTE. Quatro dias mais tarde, Enrique Kirberg, que havia sido substituído por um reitor delegado, foi enviado ao campo de concentração da ilha Dawson, ao sul do Estreito de Magalhães, permanecendo na ilha por nove meses, tendo passado posteriormente por outras prisões e campos de trabalho forçado, como Puchuncaví, Ritoque, Capuchinos e Tres Alamos. Depois de dois anos preso foi liberado com a condição de sair do país. Várias universidades haviam oferecido emprego para Kirberg, incluindo a Universidade de Columbia nos Estados Unidos, para onde ele decidiu ir.

O exílio do ex-reitor foi marcado, conforme ele relata, por uma euforia de poder realizar atividades diferentes em outro país e a frustração de se deparar com barreiras enfrentadas por um exilado. “Yo iba con grandes ilusiones. Quería conquistar los EE.UU., ocupar cargos de responsabilidad, pero me encontré con que las puertas están totalmente cerradas.”²⁹ Fazendo parte do Instituto de Estudios Latino americanos e Ibéricos da Universidade de Columbia, Kirberg passou a dar conferências sobre a situação chilena da época, sobre movimento estudantil, sobre universidades e desenvolvimento e até ministrou um curso de História Contemporânea do Chile, algo totalmente diferente de sua área de formação, que era Engenharia. Após um ano como membro da Universidade de Columbia lhe foi comunicado que o Instituto não tinha mais recursos para mantê-lo como professor permanente e Kirberg teve buscar auxílio financeiro com as grandes organizações que financiavam projetos acadêmicos. Conseguiu com a fundação Ford inicialmente e com outras fundações nos anos seguintes. Continuou como membro convidado da Universidade de Columbia, que enviava cartas a imigração comprovando que Kirberg fazia parte de seu *staff*. Continuou

²⁸ Em homenagem ao cantor e compositor Victor Jara, o estádio foi rebatizado com o seu nome após a ditadura.

²⁹ SEVES, Luis Cifuentes. *Kirberg. Testigo y actor del Siglo XIX*. Santiago: Editorial USACH, 1993, p.176.

ao longo dos anos nos EUA ministrando palestras e conferências sobre o Chile e a América Latina. Porém as experiências mais intensas enquanto professor foi em colégios secundários para adultos e nas chamadas *Community College* em *New Jersey*, onde ele deu aulas de matemática. O sentimento ambíguo em relação ao exílio, como mostrado por Said, é bem claro na trajetória do ex-reitor da UTE. Oscilava entre a liberdade de poder passear tranquilamente pelas ruas de *New York* e a decepção com a passividade dos estudantes da Universidade de Columbia: “Yo caminaba por las calles de Nueva York, por Broadway, con una sensación de agrado. Se me ocurrió entrar a un cine, cosa que no había hecho por dos años. Debo confesarle que a mí me gusta la manera de vida norteamericana. No me sentí mal en ese país.”³⁰

Sin embargo, había apatía entre el estudiantado. Una estudiante organizó un encuentro con los presidentes de los centros de alumnos de escuelas, donde yo les planteé la necesidad de impulsar una campaña de los estudiantes por la libertad de Osiel Núñez, Presidente de la FEUT, que aún estaba detenido. Propuse que se hicieran esfuerzos para que la Columbia le ofreciera una beca de estudios y así facilitar su libertad. Los estudiantes me escucharon en silencio luego uno dijo y que a ellos no les interesaba meterse en política. Otro señaló que, para plantear la campaña había que llamar a asamblea, lo que no era posible en ese momento y la reunión se disolvió sin nada de nada. Quedé muy decepcionado.³¹

A trajetória de exilado de Kirberg pode ser pensada como a de um intelectual que, além de estar inserido no mundo acadêmico, também atuava politicamente – apesar de evitar a política norte americana e o PC do EUA³² – em prol da volta da democracia no Chile, colaborando com a Anistia Internacional, participando de organizações que promoviam a cultura e ao mesmo tempo chamava a atenção para a falta de liberdade no país, como o Chile Democrático, e denunciando na Assembleia das Nações Unidas os crimes da ditadura pinochetista. Em suas viagens para ministrar conferências, Kirberg recebia apoio e fazia contatos para que fosse exercida uma maior pressão de diferentes países na ONU. Também realizaram uma marcha em Manhattan e uma campanha denunciando a tortura em Chile que repercutiu nos EUA.³³

³⁰ *Ibidem*, p. 175.

³¹ *Ibidem*, p. 181.

³² Kirberg possuía uma relação delicada nos EUA. Era conhecido publicamente por ser comunista. Além disso, não havia pedido exílio ao país, estando na condição de professor visitante. Essa situação lhe causará problemas posteriormente ao tentar voltar de uma viagem da Europa.

³³ *Ibidem*, p. 184-188

Após 11 anos vivendo nos EUA, foi negada a Kirberg a entrada no país ao tentar voltar de uma viagem de visita aos filhos, também exilados, na Europa. Acabou por aceitar um convite da Universidade da República do Uruguai para realizar uma investigação sobre a transição democrática na universidade. Permaneceu no Uruguai por dois anos e depois retornou ao Chile de forma definitiva em 1989. Antes já havia estado em Chile em 1980, quando o regime de Pinochet estava extremamente consolidado e a repressão já havia eliminado os adversários de esquerda e até antigos aliados das Forças Armadas. Kirberg não permaneceu muito tempo no país devido às ameaças de morte que recebeu. Em 1981 a ditadura chilena publicou uma lista, em que constava o nome de Kirberg, de pessoas proibidas de regressar ao Chile. Em 1987, com a sua entrada já liberada no país e com a oposição fortalecida, voltou ao Chile, sendo recebido por inúmeras organizações acadêmicas. Ao retornar definitivamente ao seu país de origem, recebeu grandes manifestações de apoio na Universidad de Santiago de Chile (USACH)³⁴. Passada a euforia inicial do retorno, o próprio ex-reitor reconhece as dificuldades também enfrentadas na volta de um exilado:

El comienzo es casi eufórico: recepciones, fiestas, reencuentros, etc. pero una vez pasado ese período, que abarca unos dos meses, el retornado comienza a enfrentar una realidad que se va endureciendo. Para comenzar, no tiene trabajo. Si ha logrado ahorrar algo de dinero en el extranjero, observa con pavor como sus reservas van mermando. Recurre a los lugares donde antes trabajó, pero se encuentra con gente nueva que no lo conoce y, lo peor, no hay vacantes para él. Es el mismo caso de los exonerados de cargos públicos. Se ha hablado mucho de que hay que reintegrarlos a sus cargos con continuidad de la previsión, pero hasta la fecha no hay ley ni nada parecido.³⁵

Kirberg pode ser inserido no perfil de intelectual proposto por Said e Gramsci, e também tem uma trajetória que se encaixa parcialmente nos esquemas conceituais de Ana Maria Araújo e Ana Vazquez. A euforia da chegada ao novo país é substituída pelo “trauma” das portas fechadas e pela necessidade de se estabelecer na nova realidade, seja ela qual for, ocorrendo o momento de transculturação. No caso de Kirberg a “quebra de mitos” e a mudança de visão sobre o seu país de origem não ocorre de maneira tão evidente. Ocorre mais um sentimento de perda pelos longos anos no exílio, como o mesmo afirma:

³⁴ Um decreto presidencial mudou o nome da *Universidad Tecnica del Estado* para *Universidad de Santiago de Chile* em 1981.

³⁵ *Ibidem*, p. 197 – 198.

Creo que en el exterior había mejor información que en Chile acerca de todas las resoluciones de la dictadura. Pero me di cuenta que la vivencia es insustituible. Lo que uno vive, siente, ve, huele, escucha en el lugar mismo, es esencial. Yo tengo una gran laguna [sic] de vivencias de Chile en mis años de exilio y eso me pone en desventaja.³⁶

Carlos Orellana é o perfil analisado aqui que mais possui relações com a ideia de intelectual tradicional. Orellana foi uma figura muito importante para a literatura e mundo dos livros no Chile. Trabalhando desde a década de 50 como editor, crítico literário, diretor de revistas e memorialista, Orellana esteve por trás do lançamento de importantes obras de escritores chilenos, como Francisco Coloane, Jorge Teillier e Guillermo Blanco. Durante o governo da UP, sendo membro do Partido Comunista, foi assessor da Editora Quimantú, uma das maiores divulgadoras da cultura do Chile de Allende. Entre 1968 e 1973 foi o diretor do selo editorial da *Universidad Técnica del Estado*. Em seu livro “*Penúltimo informe: memória de um exílio*”, Orellana relata toda sua experiência do dia do Golpe, que foi bastante similar a de Kirberg. O editor também havia se dirigido às pressas para a universidade ao saber do atentado contra a sua rádio. Passou a noite com Victor Jara e muitos outros na Escola de Artes e Ofícios e, na manhã seguinte, se dirigiu a reitoria com outros dirigentes acadêmicos e estudantes para uma reunião de emergência sobre o cerco a UTE. Ficou preso no Estádio Chile e no Estádio Nacional, sendo posteriormente libertado e partindo para o exílio na França em dezembro de 1973, com seus três filhos e sua ex-mulher. Orellana descreve a ida para a França e o início de sua estadia lá como um momento de alívio, após se ver livre do regime ditatorial de Pinochet:

La acogida inicial comprendía alojamiento y alimentación durante seis meses, curso gratuito de francés y una pequeña suma de dinero semanal para el bolsillo. Quienes vivimos la experiencia de ser recibidos en aquel país al menos, los que no lo hemos olvidado pudimos apreciar la gran importancia que tiene en la vida contemporánea el asilo al refugiado, cuando se combinan, como ocurrió con nosotros en Francia y en una serie de países europeos, el espíritu humanitario con las convicciones democráticas, más un extremo rigor y seriedad en la planificación de las complejas responsabilidades que conlleva la acogida.³⁷

Orellana viveu muitos anos na França e em 1984 se mudou para a Espanha. O seu livro sobre o exílio apresenta um olhar apurado e crítico da comunidade de chilenos

³⁶ *Ibidem*, p. 199.

³⁷ ORELLANA, Carlos. *Penúltimo Informe: memoria de um exílio*. P. 85 Disponível em: <<http://www.abacq.net/orellana/dos.htm>> Acesso em 20 ago. 2014.

exilado. Critica o egoísmo de alguns exilados chilenos ainda na embaixada francesa em Santiago e conta suas experiências sobre a relação que teve com outros exilados na França, como Miguel Labarca, amigo de Allende,

Hubo desde el comienzo, mientras estábamos todavía en la sede de la embajada francesa en Santiago, múltiples dificultades con quienes al parecer no entendían nuestro carácter de refugiados políticos. No tenían en cuenta que esta condición conlleva derechos pero también deberes. Se negaban, por ejemplo, a cooperar en las tareas propias de la singular convivencia del asilado en una sede diplomática, que exige organizar la difícil vida en común. Ésta radica, desde luego, en el cumplimiento de modestas obligaciones domésticas: preparar las comidas y preocuparse del orden y del aseo, por ejemplo, pero atender también cuestiones más complejas, como las relaciones entre los refugiados y, sobre todo, de éstos con sus anfitriones. En este último tema, surgían las voces de aquellos que, aparte de sus reticencias para asumir las responsabilidades colectivas, se mostraban exigentes en lo que consideraban deberes de la embajada hacia nosotros. “¿Que pague la burguesía francesa!”, era su patética divisa.³⁸

O seu capítulo sobre a França possui o sugestivo título “¿Dulce Francia?”. Apesar dos contatos que fez com inúmeros artistas, escritores e sua vivência apaixonada com Jacqueline, que se tornaria posteriormente sua mulher e que havia começado no exílio, Orellana sofreu experiências amargas na França, como o suicídio de sua filha caçula, Cecília, que sofreu muito com o exílio e sua nova realidade. O estranhamento com a nova realidade foi insuportável para sua filha e foi o maior “trauma” sofrido no exílio por Orellana.³⁹

A trajetória de Orellana no exílio enquanto intelectual e membro do partido comunista do Chile tem o seu maior destaque com a criação da revista *Araucaria de Chile*, que surge como ideia em 1977 em Roma por sugestão da direção do Partido Comunista Chileno no exterior, coordenado por Volodia Teitelboim. Orellana seria o chefe de redação por toda a existência da revista e Volodia o seu editor. Importantes nomes colaboraram com a revista desde o início, como os escritores Julio Cortáza, Mario Benedetti, José Donoso, Ariel Dorfman, os artistas plásticos Jose Balmés, Roberto Matta, o poeta Alfonso Alcaide, entre outros. A cultura chilena em suas inúmeras formas era o ponto principal da revista que buscava ser:

uma luz em meio ao “apagão cultural” existente no país e, ao mesmo tempo, servir como uma ponte entre os chilenos de “dentro” e os de “fora”. Para alcançar tais

³⁸ *Loc. cit.*

³⁹ *Ibidem*, p. 131.

objetivos, Volodia reuniu um grupo de destacados intelectuais no comitê editorial, além de colaboradores reconhecidos internacionalmente, majoritariamente chilenos, mas contou também com intelectuais de outras nacionalidades, sobretudo, latino-americanos. Todos – membros do comitê e colaboradores – aceitaram participar da publicação sem receber remuneração por seus trabalhos, o que era uma forte demonstração de solidariedade à causa chilena, tendo em vista que muitos eram intelectuais renomados e viviam de seus escritos. O único que recebia remuneração para confeccionar a *Araucaria* era Orellana, secretário de redação, dedicando-se exclusivamente a ela durante seu exílio. Segundo ele, os recursos para a manutenção da revista eram oriundos do PCCh já que os das assinaturas eram escasso.⁴⁰

O primeiro número da revista *Araucaria de Chile* foi lançado no primeiro trimestre de 1978 e a revista existiu até 1990, quando em face da volta da democracia em Chile, deixou de existir. Orellana considerou, até o final de sua vida⁴¹, a revista *Araucaria de Chile* o que ocorreu de mais importante em sua vida profissional, o que dá um sentido pessoal maior à sua condição de exilado político.

Ao voltar do exílio e se reestabelecer no Chile, Orellana, em seu trabalho na editora Planeta, se tornou um dos mais importantes propagadores e articuladores da chamada *Nueva Narrativa Chilena*, linha que revitalizou a literatura do Chile no retorno a democracia e que teve entre seus expoentes, nomes como Alberto Fuguet, Gozalo Contreras, Arturo Fontaine, Sergio Gomez, Marcela Serrano, entre outros. O exílio de Carlos Orellana ajudou a intensificar sua importância enquanto editor no mundo editorial chileno e, apesar de todas as amarguras, pareceu ter um impacto importante na “quebra de mitos”, em sua maneira de enxergar o Chile, os chilenos e sua cultura.

O atual decano da *Facultad de Humanidades* da USACH, Augusto Samaniego Mesías, também foi um dos que foram levados para o Estádio Chile e posteriormente partiu para o exílio. Em entrevista concedida a mim em abril desse ano, conversamos sobre sua experiência na UTE, onde foi professor de História no departamento de Ciências Sociais, e a sua prisão durante a ditadura. Além do Estádio Chile, passou pelo Estádio Nacional, pela prisão em Valparaíso e pelo campo de prisioneiros de Chacabuco onde permaneceu até setembro de 74. Nunca recebeu nenhuma acusação formal e acabou por se exilar na França por instruções do Partido Comunista logo após ser liberado.

⁴⁰ SILVA, Êça Pereira. *Araucaria de Chile: uma revista de resistência cultural*. P. 85 Disponível em < <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/viewFile/1290/1157> > Acesso em 20 ago. 2014.

⁴¹ Carlos Orellana faleceu no dia 18 de novembro de 2013.

Na França desempenhou atividades para o partido comunista e deu aulas de espanhol em uma escola de línguas. Um tempo depois estudou em uma universidade holandesa e um pouco depois foi contratado pela Universidade de Amsterdam.

Bueno, yo llegué a trabajar políticamente con el Partido Comunista en el exilio y para armar mi vida familiar, primero conseguí durante un año, un año y medio, no me acuerdo bien, un trabajo como profesor de español en una transnacional de la enseñanza de lenguas, Berlitz [...] Luego tuve mucha suerte, siempre me considero con mucha suerte, privilegiado, y me aceptaron en una universidad holandesa, en Groningen, para un período de un año para hacer una... escribir una investigación sobre movimiento sindical chileno. [...] Y mediante después me contrató la Universidad de Ámsterdam, como investigador y, un poquito después digamos, para dictar algunos cursos que los comencé dando en francés y después en inglés, en... en una dependencia de una sub facultad de politicología y eran cursos sobre América Latina o... y también de Eur... de movimientos sociales y sindicales, especialmente de Europa del Sur, Italia, España y hasta Portugal.⁴²

Samaniego passou mais de sete anos na Universidade de Amsterdam, realizando depois seu doutorado na Universidade de Paris 8. Em seu exílio na França conviveu com Carlos Orellana e outros exilados franceses, principalmente com os membros do Partido Comunista. Assim como Kirberg e Orellana, Samaniego também participou de tarefas de apoio ao financiamento da atividade políticas e de difusão das denúncias contra a ditadura de Pinochet, inclusive sendo membro de um grupo que fazia parte da UNESCO e que denunciava os crimes de tortura e desaparecimento nos âmbitos de educação e cultura no Chile. Suas atividades também dialogam na área da cultura e do mundo acadêmico com a dos outros dois exilados da UTE que buscaram, além de uma vida política ativa, contatos e intercâmbios culturais que ressignificassem suas experiências no exterior.

Ao voltar do exílio, em 1984, continuou atuando no Partido Comunista, que era ilegal e defendia ações armadas. Durante muito tempo trabalhou apenas com a atividade política do Partido Comunista, vivendo de suas economias europeias. Sendo uma figura pública menos conhecida que a de Kirberg e Orellana, e tendo sido readmitido como professor na USACH, não se mostra muito a vontade para falar sobre pontos mais delicados da ditadura e sua memória, seja conscientemente ou inconscientemente, parece vacilar sobre algumas questões, como o caso de professores torturados. Talvez, por sua filiação com a universidade atual, Samaniego não queira se comprometer. Ele

⁴² Entrevista realizada pelo autor com Augusto Samaniego em Santiago no dia 22 de abril de 2014.

foi selecionado em uma lista de exonerados para voltar a USACH, diferentemente de outros professores que não tiveram sequer suas aposentadorias efetivadas após a volta da democracia.

No entanto, nem sempre a repressão foi tão efetiva ou violenta contra indivíduos que se declaravam de esquerda, incluindo grupos tidos como mais radicais, o que mostra que nem sempre a cultura política com a qual os indivíduos se identificavam foi fundamental para sua perseguição, como é o caso de Luis Cruz Salas, professor de História da UTE. Salas foi militante de vários movimentos de esquerda ao longo da década de 60, sendo que mais ao final da mesma se filiou ao Partido Socialista, por considerá-lo mais combativo. Porém no ano de 1973 saiu do PS e se juntou ao MIR, o grupo chileno mais à extrema esquerda e que realizava ações armadas. No dia 11 de setembro chegou a queimar livros e documentos que poderiam ser considerados subversivos no Instituto Pedagógico, onde ministrava aulas. Contrariando todas expectativas, Salas não chegou a ser preso ou torturado e somente foi chamado para prestar depoimento no Estádio Nacional. Foi exonerado ao receber uma carta em que o desligava da Universidade, partindo em 2 de janeiro de 1974 para o exílio na Argentina para se proteger da perseguição empreendida pelos militares aos militantes do MIR.

Logo após ir para o exílio, os *carabineros*⁴³ foram à casa de sua mãe após receber delações sobre as atividades de Salas no MIR. Na Argentina permaneceu até julho de 1974 devido ao clima político que se agravava no país. Depois partiu para a Romênia, onde fez uma especialização em História Universal e permaneceu por dois anos. Teve que se mudar do país devido a problemas de saúde de seu filho e acabou indo para Bélgica. Apesar da formação acadêmica e de sua ligação com partidos políticos, Salas desempenhou diferentes funções em Bélgica, sendo inclusive faxineiro. Trabalhou muito tempo também no setor de livros e de bibliotecas de comunidades estrangeiras e depois trabalhou no Ministério de Agricultura do setor francês do país. Seu envolvimento com movimentos políticos não foi tão forte como o dos outros exilados citados anteriormente, mas ainda sim Sala participou de reuniões de discussão intelectual com um grupo de exilados na Bélgica. Esse grupo posteriormente, segundo o

⁴³ *Carabineros é o nome utilizado para a polícia chilena.*

professor, se juntou ao Comitê de Defesa dos Direitos Humanos e Sindicais da Bélgica, que tinha mantinha contato com o mesmo Comitê no Chile, dirigido pelo sindicalista Clotario Blest⁴⁴. Permaneceu na Bélgica de outubro de 1976 até agosto de 1991 quando retornou ao Chile para trabalhar com educação sindical.

Em sua entrevista, Salas não se refere a um ressentimento pelo Golpe ter interrompido sua função como docente na UTE, apesar de ter sofrido dificuldades no exílio. Sua experiência enquanto um intelectual típico foi menos intensa, mas ainda sim se encaixa nas definições propostas nessa pesquisa. Mesmo não possuindo os mesmos contatos que os outros exilados aqui apresentados e pertencendo a um diferente grupo político, Salas desempenhou também uma crítica ao regime pinochetista em seu exílio.⁴⁵

Carmen Vargas, na manhã do dia 11 de setembro de 1973, estava se preparando para ir a UTE para a inauguração da exposição “Por la vida siempre”. Não conseguiu chegar a universidade devido ao cerco, mas seu amigo, Eduardo Castro, decano da universidade de Educação da UTE, pediu para que ela pegasse sua filha no instituto de educação, que era no entorno da universidade. Conseguiu passar pelo bloqueio fingindo ser uma médica que trabalhava em um hospital próximo e levou a filha do decano para casa. Um tempo depois recebeu uma carta com sua exoneração. Quase todos os professores do Instituto Pedagógico foram exonerados. Carmen Vargas conseguiu passar em um concurso na Universidade de Valdivia, mas foi impedida de assumir o cargo, segundo recorda, por ser da UTE. Um professor de uma das unidades da Universidade disse que eles estavam contratando pessoas extremistas.

Entonces hice el concurso y gané el concurso y cuando me nombraron, el decano de esa Universidad, cuando dio cuenta [...] que había ganado el concurso y llegaba...un profesor dijo que yo era de la Universidad Tecnica y que él estaba llevando gente de... extrema. Y creo que echaron después al decano y echaron a otra persona porque era así la represión. [...] si institucionaliza la delación y empieza a

⁴⁴ Clotario Blest foi um dos mais importantes sindicalistas e defensores de Direitos Humanos do Chile. Foi também o primeiro presidente da Central Única de Trabajadores do Chile.

⁴⁵ Os dados mencionados foram coletados em entrevista realizada pelo autor com Luis Cruz Salas em Santiago no dia 24 de abril de 2014.

haber todo ese tipo de problema y el profesor es perseguido durante mucho...mucho tiempo, muchos años.⁴⁶

Depois disso trabalhou em um colégio que recebia filhos de perseguidos políticos. Porém após visitas de militares ao colégio em que trabalhava muitos colegas lhe recomendaram que fosse ao exílio, pois, segundo Vargas, ela possuía muitos antecedentes. No entanto, Vargas nunca foi militante ou membro de nenhum partido. Partiu para a Venezuela em 1975 onde trabalhou na Universidade de Caracas.

Em seu exílio na Venezuela, Vargas sempre trabalhou na área de educação. Antes de trabalhar na Universidade de Caracas, ela trabalhou na área de Pedagogia de um colégio universitário no interior da Venezuela. Em 1976 passou em um concurso da Universidade de Caracas, onde trabalhou até o ano de 1992. Além de sua atuação acadêmica, Vargas participou de movimentos de solidariedade com a oposição ao regime de Pinochet. Com um grupo de exilados ajudou a imprimir uma revista clandestina chamada “El pizarron” feita no Chile por professores. Devido a repressão e o controle da ditadura a revista não podia ser impressa no Chile, onde era elaborada. A impressão se dava na Venezuela, de onde era redistribuída para a Europa.

Carmen Vargas voltou ao Chile após passar em um concurso para a área de educação. Assim como Samaniego e Kirberg, Vargas esteve o tempo todo ligada ao mundo acadêmico, apesar de seu envolvimento com política ter sido menor e com um caráter mais de solidariedade enquanto pertencente a uma comunidade de exilados. Vargas parece não se encaixar nos esquemas propostos por Ana Maria Araújo e Ana Vazquez, já que sua experiência na Venezuela é relatada como algo muito prazeroso e que lhe rendeu uma boa experiência profissional.⁴⁷

Conclusão

O exílio de alguns professores e dirigentes da *Universidad Tecnica del Estado* apresentado neste estudo buscou analisar diferentes tipos de experiências, atentando

⁴⁶ Entrevista realizada pelo autor com Carmen Vargas em Santiago no dia 25 de abril de 2014.

⁴⁷ Os dados mencionados foram coletados em entrevista realizada pelo autor com Carmen Vargas em Santiago no dia 25 de abril de 2014.

para as suas semelhanças, conexões e diferenças. Os “traumas”, decepções e dificuldades de lidar com outras culturas, outras línguas e outras maneiras de viver a realidade parecem fazer parte da vivência do exílio, como é evidenciado pelas trajetórias de Luis Salas, Enrique Kirberg e Carlos Orellano. Porém isso não é necessariamente uma regra, como transparecem as entrevistas de Carmen Vargas e Augusto Samaniego. Apesar de algumas características em comum, o exílio vai ser sempre uma experiência pessoal única, independente se ele se dá no mesmo país ou em países distintos. Cada indivíduo apresentado aqui lidou de maneira distinta com o exílio.

Enquanto intelectuais, seja atuando na esfera acadêmica, seja na esfera política, os casos aqui analisados revelam que a intensidade da repressão sofrida durante a ditadura intensifica a luta pela democracia e liberdade do país de origem no exílio. O engajamento foi maior por aqueles que foram presos e torturados, porém isso não exclui a validade de outros tipos de manifestação de apoio por um Chile livre e democrático. De uma maneira ampla, pode se notar nos casos analisados que o exílio ajudou a reafirmar o sentimento de pertencimento a um determinado local, onde todos acabaram por voltar com o fim da ditadura, e que, apesar das particularidades, todos eles possuem um tipo de memória emblemática comum, uma memória de perseguição, mas também de luta por um Chile democrático.

Referências

- AGGIO, Alberto. Democracia e socialismo: a experiência chilena. São Paulo: Editora UNESP, 1993.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Fórmula para o caos: ascensão e queda de Salvador Allende (1970-1973). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual. Itinerario de un concepto. Buenos Aires: Editorial Montessor, 2002.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.
- KIRBERG, Enrique. *Los nuevos profesionales. Educación universitaria de trabajadores. Chile: UTE, 1968-1973*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1981.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). Culturas políticas na história: novos estudos. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009.
- MUÑOZ, Heraldo. *La sombra del dictador: una memoria política de la vida bajo el régimen de Augusto Pinochet*. Barcelona: Ediciones Paidós, 2009.

ORELLANA, Carlos. *Penúltimo Informe: memoria de um exílio*. Disponível em: < <http://www.abacq.net/orellana/dos.htm>> Acesso em 20 ago. 2014.

PINTO, Julio (org.). *Cuando hicimos historia. La experiencia de la Unidad Popular*. Santiago: LOM Ediciones, 2005.

RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. *Representações do intelectual. As conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SEVES, Luis Cifuentes. *Kirberg. Testigo y actor del Siglo XIX*. Santiago: Editorial USACH, 1993.

SILVA, Êça Pereira. *Araucaria de Chile: uma revista de resistência cultural*. P. 85 Disponível em < <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/viewFile/1290/1157>> Acesso em 20 ago. 2014

STERN, Steve. *Recordando el Chile de Pinochet: En vísperas de Londres 1998. Libro Uno de la trilogía La caja de la memoria del Chile de Pinochet*. Santiago: Ediciones UDP, 2009.

VALENZUELA, Arturo. *El quiebre de la democracia en Chile*. Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.

VASQUEZ, Ana; ARAUJO, Ana Maria. *Exils latino-américains: la Malédiction d'Ulysse*. Paris: CIEMI, L'Harmattan, 1988.